

ALEXANDRE PILATI

## **BRASÍLIA, SETEMBRO, 2016**

o abraço de sépia de certas manhãs  
e setembro conduz as entrequadras  
de baixo do eixo de baixo para o fim  
profundo dos anos setenta, ipês incluídos.

o repouso forçado de companheiros e sonhos  
e, naquele amarelo sem saída, há pedras;  
naquelas flores de crepom, há segredos; como bois  
raquíticos, árvores secas ruminam firmes e alheias.

e como é fraca a natureza desses pardais desesperados.  
acordes ínfimos, sem força de hino, poema ou perdão.  
entre o candango e o brasiliense abre-se um solo de infertilidade.  
aprendemos a ser crosta grossa de árvore queimada. e reflorir?

amada pátria!, onde o tempo ferve, gorjeia, flerta e fica.  
o morno não passar das horas enquanto  
a vida passa, feito na música de ednardo.  
"arrepare não": tudo parece com morrer, com não ter crescido, com ter secado.

o tempo voltou ou o país está de pés descalços? a vida perdeu  
a razão e o passado é um "pois não"? os olhos carecem de vento  
para ver. sem ele, os olhos são velhos móveis diante do horizonte  
cerrado pelos anos que retornam: o abraço de açame em nossa boca.

## NO MEIO DO CAMINHO

*That monster, custom, who all sense doth eat*  
Hamlet

minha cidade, encaro outra vez em delírio,  
louco e velho príncipe, tua carranca; para ti arrasto  
estes quarenta anos e tento encantar-te de balde.

balbucio em tuas tesourinhas um protesto errado  
ou o nome mãe. (minha mãe bonita morreu triste  
entre teus corredores de engolir estrelas e passarinhos).

minha cidade, envelheci e vejo tuas curvas rijas  
que já não são de utopia, que são agora as curvas  
de um boxer que duro canta uma ária de Turandot.

eu sangro enquanto choras asfalto, cal e carros  
e te desejo monumental, tortamente Diadorim –  
macho na chuva, fêmea nas manhãs: ninguém durma!

estou velho no sertão, na maloca, estou velho  
na rosácea estéril da pequena burguesia, num circo  
cheio de pústulas e dívidas, de nódulos e de relatórios.

pouca luz vem, minha cidade, de teus entardeceres,  
e apalpo-me às dezenove horas de Brasília: reconheço  
rugos; não tenho mais a mesma idade de David Beckham.

te aceito como um pederasta, te aceito como um comunista,  
te aceito como Charles Chaplin, te aceito como uma super

bactéria, como um surto, um golpe de cotovelo: te aceito.

nas feiras de falsidades, vendi as quinquilharias de  
meus sonhos, entreguei os vinténs dos meus sorrisos e  
o dinheiro comeu aquele cavalo que me levava de ti através.

encaixei-me em teus eixos, caixeiro incurioso que sou;  
de lasso papel que sou, aceito o verão que oprime,  
anseio a seca que sempre derroga as águas do Paranoá.

mas ainda há algumas garças e trabalhos de Oscar, ainda  
há a paixão de Lúcio no crucifixo; mas ainda há  
um chope com Chico e Nicola à espera no Beirute.

então, não te mando embora pois sei mais de mim  
sei amar mais, sei beijar melhor, sei melhor  
reconhecer os companheiros que ao meu lado brigam.

entre hábitos, fantasmas e demônios, escrevo ainda  
nesta vereda cerrada da vida, escrevo-te ainda, minha  
cidade, para dar veias de verdade ao meu descontrole;

e te juro: não deixarei o monstro me devorar os sentidos.

---

**Alexandre Pilati** é autor dos livros *sqs 120m2 com dce* (2004), *prafóra* (7Letras, 2007), *A nação drummondiana: quatro estudos sobre a presença do Brasil na poesia de Carlos Drummond de Andrade* (7Letras, 2009) e *outros nem tanto assim* (7Letras, 2015), *Poesia em sala de aula: subsídios para pensar o lugar e a função da literatura em ambientes de ensino* (Pontes, 2017) e *Autofonia* (Penalux, 2017).